

A PERFORMANCE ART COMO PROPEDÊUTICA DA EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DA DISCIPLINA “FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E CORPO”

MS. JÉSSICA VITORINO DA SILVA TERRA NOVA

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS

Professora substituta da Universidade Estadual da Bahia – UNEB

Membro do grupo de pesquisa Corpo e Governabilidade

DR. FABIO ZOBOLI

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA

Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Cinema da

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Membro do grupo de pesquisa Corpo e Governabilidade

Resumo | O relato aqui apresentado é fruto de uma experiência desenvolvida no seio da disciplina “Filosofia, Educação e Corpo” com estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A proposição interventiva pretendeu apresentar a *Performance Art* enquanto uma propedêutica no que tange a preparação ou estruturação da experiência. Os conhecimentos experimentados a partir da *performance art* tiveram como objetivo pensar os conteúdos trabalhados na disciplina através da arte “sentida no próprio corpo”. Como resultado tivemos o relato de depoimentos dos alunos anunciando a importância da experimentação do “texto corporal” através da arte numa cultura acadêmica que prima pela mentalização.

Palavras-chave | Performance Art; Corpo; Propedêutica.

INTRODUÇÃO

Enquanto discente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, o relato aqui apresentado é fruto de uma experiência desenvolvida no seio da disciplina “Filosofia, Educação

e corpo” com estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS) - matriculados na disciplina no período de 2014.1-, como parte do “Estágio Docente”. A proposição interventiva pretendeu apontar a *performance art* enquanto uma prope-
dêutica no que tange a preparação ou estruturação da experiência. Os conhecimentos experimentados a partir da *performance art* tiveram como objetivo pensar os conteúdos trabalhados na disciplina através da arte “sentida no próprio corpo”. A *performance art* pretendeu ser um instrumento para os alunos para a proposição de novas práticas de significação do conteúdo do campo de modo a tornar possível a percepção do corpo frente a sua possibilidade de ser vetor semântico.

A *performance art* é uma corrente artística reconhecida na década de 1960, embora apenas consolidada como prática e linguagem artística nos anos 70. Desde o início do século XX, a arte e seus parâmetros tradicionais vinham sendo questionados, e neste sentido, as ações performáticas primitivas (*protoperformances*) foram utilizadas como forma de comportar a necessidade de romper com as proposições artísticas vigentes apontando possibilidades de se criar e de perpetuar novas formas de arte. Encontrando-se alocada, inicialmente, no seio das artes plásticas/visuais, artistas pictóricos, que antes se limitavam a registrar suas criações sob a superfície da tela, passaram a valorizar o momento de criação o que prenunciava uma mutação na arte contemporânea.

Com um grande potencial de valor crítico, a *performance art* pode ser entendida como uma fusão de gêneros que emerge dos movimentos de vanguarda como uma forma de provocação e desafio na busca de um rompimento com a arte tradicional, colocou em cheque os enquadramentos artísticos e sociais anteriores na tentativa de romper com as barreiras e hierarquias pautadas entre arte e não-arte. Todas as propostas que percorreram a sua trajetória histórica (*Happening, body art, live art, etc.*) até chegar a *performance art* propriamente dita, tinha como denominador comum a desfeticização do corpo, ou seja, romper com a exaltação da beleza elevada durante séculos pela literatura, pintura e escultura a fim de trazê-lo à sua função de instrumento do homem. Assim, o corpo passa

a estar no centro das proposições artísticas exigindo novas conexões nas formulações conceituais.

[...] utilizar o corpo como matéria-prima, não se reduz somente à exploração de suas capacidades, incorporando também outros aspectos, tanto individuais quanto sociais, vinculados com o princípio básico de transformar o artista na sua própria obra, ou, melhor ainda, em sujeito e objeto de sua arte (GLUSBERG, 1987, p. 43).

Enquanto propedêutica, têm-se observado que a *performance art* carrega características eminentes para aqui serem entendidas sob esse embasamento conceitual. Ou seja, a estrutura de base da propedêutica da *performance art* age direta ou indiretamente nos sentidos da formação e pode ser representadas a partir de algumas prerrogativas: reconhece a **interdisciplinaridade** em prol da não fragmentação dos campos artísticos; a **valorização do aspecto processual** da construção da obra em detrimento ao produto pronto e acabado; a **co-participação** dos indivíduos envolvidos no processo de criação; ao tomada de um **sujeito crítico-reflexivo** no tocante ao contexto sócio-político em que o mesmo se apresenta; e por fim, destacamos a perspectiva que julgamos ser a mais rica, a *performance art* **estabelece o corpo como peça chave** do movimento idiossincrático que estabelece a aproximação entre arte e vida. O corpo como suporte das relações estabelecidas frente a tais problemáticas faz-nos interpor conexões sobre a utilização exclusiva da mente como única forma legítima de atribuição de conhecimento.

Estabelecer pontes entre *Performance Art* e propedêutica parece-nos uma ação legítima, em se tratando de interesses que projetam uma estrutura que propõe reger as experiências no âmbito da formação. Compreende-se que a vivência do saber, a experiência a qual se propõe está diretamente ligada aos processos de significação intrinsecamente associados à produção de sentidos. Acredita-se que o sentido é antes construído no e através do corpo na condição mais elementar e imediata da experiência, sob o nível das sensações. A significação aqui não pode ser compreendida simplesmente como um ato de pensamento – restrito a mente e ao cérebro – ao *cogito* de Descartes – mas, como “a experiência do corpo ao nos fazer reconhecer uma imposição do sentido que não é

aderente a certos conteúdos. Meu corpo é esse núcleo significativo que se comporta como uma função geral” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 203).

A disciplina “Filosofia, Educação e Corpo¹” foi um campo bastante propício para a realização desta experiência na medida em que o corpo e suas problemáticas políticas e filosóficas são centrais no âmbito do ementário da disciplina. A disciplina estuda a educação do corpo a partir de contextos culturais sob a ótica das políticas de subjetivação dos comportamentos corporais na sociedade a partir da perspectiva filosófico epistemológica. Assim almejou-se preponderar, no trato com as questões em debate, o nível e a qualidade da apreensão de conhecimentos sobre o corpo “sendo” o próprio corpo, na vivência, entre as relações e (inter) subjetividades indispensáveis à experiência – ao ato de conhecer. Para Bártolo (2007) os signos se inscrevem no corpo. O corpo é um espaço onde se ancoram os sentidos em realização constante de significações necessárias a vida. Para o autor, o corpo, embora, não sendo o próprio corpo por inteiro significável, acolhe códigos que nele se ancoram e ganha, assim, um estatuto de significante flutuante, ou seja, signo que vai ganhando sentido e sendo composto com o decorrer das análises realizadas. Entre a relação significante-significado, é evidente que “o corpo é, a um tempo, instrumento e espaço de comunicação e significação” (BÁRTOLO, 2007, p. 91). Assim, é possível conjecturar que, aprender (significar) é percepção, associação/organização e interpretação destes (símbolos/significantes). O lugar do conhecimento, portanto, é no corpo do indivíduo (ALVARES, 2012).

OS CAMINHOS DA EXPERIÊNCIA

O programa curricular da disciplina “Filosofia, Educação e Corpo” proposto pelo professor, sugeriu – após algumas aulas introdutórias que apresentaram o corpo a partir da filosofia – uma divisão de conteúdos sob três blocos sob o qual o corpo é politicamente atravessado na

1. Disciplina de caráter obrigatório no curso de Licenciatura em Educação Física da UFS na segunda fase do curso com carga horária de 60 horas. A disciplina contou com uma turma composta por 34 alunos.

contemporaneidade, são eles: 1) corpo e padrão de beleza; 2) corpo e tecnologia; 3) corpo e estigma. O conteúdo da disciplina foi trabalhado a partir da exposição oral do professor sobre a temática, leitura e debate de textos e apresentação e discussão de um filme. Ao final de cada bloco de conteúdo, com fins avaliativos, foi proposto que os alunos, divididos em grupos, criassem uma *Performance* que abordasse o conteúdo trabalhado. Sendo assim, ao final eram apresentadas uma série de Performances e subsequentemente eram debatidos as respectivas produções a partir dos conteúdos trabalhados.

Ao final disciplina foi organizado o evento intitulado “I Mostra de *Performance Art*: o corpo em-cena”, onde foram selecionadas para a exposição, algumas das *Performances* para serem apresentadas ao público. As apresentações aconteceram em diversas partes do campus de São Cristóvão da Universidade Federal de Sergipe simultaneamente em horário de pico onde se encontrara um maior nível de trânsito ou circulação de estudantes pelos corredores da universidade. As *Performances* estáticas ocuparam um espaço fixo e assim permaneceram em todo o tempo estimulado, já as *Performances* móveis percorreram um roteiro pré-estabelecido onde estas teriam que, obrigatoriamente, passar.

Essa experiência guiada pela propedêutica da *performance art* foi planejada com a duração de um semestre pois foi parte de um estudo de mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFS. Sendo assim, durante o curso da disciplina fizemos uso do diário de campo, da observação direta, de entrevistas feitas com alunos durante e ao final do processo. Vale mencionar que posterior ao período estudado foi editado um vídeo didático junto a alguns alunos com o resultado do processo. O vídeo foi publicado no *youtube* com o título “I mostra de *performance art*: o corpo ‘em-cena” no seguinte endereço: https://www.youtube.com/watch?v=Hg51b7sg_Lk&t=87s.

PERFORMANCE ART EM AÇÃO

A proposição da *performance art* enquanto perspectiva metodológica e propedêutica, proposta na disciplina “Filosofia, Educação e corpo” foi vista enquanto uma manifestação que possibilitou de forma prática

e através dos interstícios corporais a vivência dos conceitos pelos quais almeja-se incumbir aos alunos do curso de Educação Física a perceber as diferentes formas de conceber o corpo, sobrepor os padrões, a racionalidade científica e a própria consciência de seu próprio corpo frente aos processo de representação/atuação artística.

[...] o corpo é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto das representações. O que eu sinto, o que aprendo, o que memorizo, todas as sensações, percepções e representações interferem nas imagens de meu corpo, que é simultaneamente a possibilidade e a condição daquilo que experimento e de minhas maneiras de interpretar o que eu experimento (JEUDY, 2002, p. 20).

Os alunos – como acima descrito – apresentaram suas performances ao final de cada um dos três blocos de conteúdo durante a disciplina. O primeiro bloco foi voltado à temática do **“corpo e padrão de beleza”** que foi balizado pela discussão da tríade cultura, ciência e mercado. A cultura subjetiva um modelo de corpo e, para subsidiá-lo, existe um mercado que instrumentaliza o sujeito para materializar tal corpo sugerido. Esse mercado é amparado por toda uma ciência/tecnologia que cada vez mais está se superando na tentativa de atender às necessidades instituídas por esses arquétipos.

Pela manipulação por meio da técnica, o corpo cada vez mais foi sendo alvo de domínio da mesma. As ciências que lidam com o corpo avançam a passos largos e é cada vez mais perceptível novas tecnologias acopladas a ele neste início de milênio. Em meio a essa simbiose, o ser humano vai incorporando em seus corpos componentes artificiais, resultando novas configurações de corpo. São corpos virtualizados via informática, corpos reconstruídos por meio de próteses biônicas de última geração, corpos modificados geneticamente. Sobre a temática **“corpo e tecnologia”** o segundo bloco de conteúdos foi trabalhado.

O terceiro e último bloco centrou-se na discussão do **“corpo e estigma”** onde visualizamos uma demarcação social do corpo no sentido de lhe atribuir um estereótipo negativo que desencadeia preconceito e discriminação no âmbito das relações entre os sujeitos. Os atributos que consideram um corpo como diferente – num sentido de valor e poder – são construídos socialmente e seus estereótipos são demarcados a partir desses significados.



Figura 1 – Performances na “I Mostra corpo en-cena.”

Fonte: Os autores

Um corpo (ou corpos), que é instrumento, fruto de uma cultura, sobretudo dinâmica e em processo constante de construção, pode ser visto como um espaço aberto de inscrição de signos, de linguagem, de comunicação e significação. O corpo é da ordem da significação, afirma Bártolo (2007), não o corpo diminuto a conceitos ou do corpo massificado, opaco e hostil, objeto dos anatomistas, mas o corpo situado, aquele que se confunde com o sentimento da “substância da nossa presença”, em constante relação de desejo, de interlocutividade, de intercorporeidade. É neste corpo onde se ancoram os sentidos, no corpo que “não se identifica com o meu corpo físico, com a minha carne, nem se assemelha ao corpo de uma coisa (uma cadeira, ou um tronco), antes é condição de possibilidade desses corpos, num certo sentido o seu corpus” (BÁRTOLO, 2007, p. 136).

O corpo na *performance art* é um discurso, um texto a ser lido, sentido e interpretado, semiotizado. O artista/performer se apodera de códigos, os articula e os domina a fim de representar algo que se quer dizer. O performer é um ativo manipulador de códigos, confere a possibilidade de ressignificações (agregação de novos significados) submetendo seu discurso em oposição aos dogmas interpostos. Embora este parta das linguagens tradicionais ela trabalha para colocá-las em conflito.

O performer é, simultaneamente, agente e ator de sua performance, é ativo e manipulador de códigos. Ora, não há Performance sem contexto, sem intenção, sem consciência, sem organização, sob os quais também não há experiência. A consciência do performer transcende a organização de uma Performance, colocando de forma clara as condições em que o trabalho foi produzido. Embora possua uma grande abertura para a imprevisibilidade a concepção da performance sem um objeto vai pressupor a sua descontextualização, que não é o caso.

Derivante a esta multiplicidade de sistemas semióticos desenvolvidos pela sociedade, Glusberg (1987) afirma que o discurso do corpo é, talvez, o mais complexo modo de discursar, e isso explica as dificuldades em reter sua dinâmica e seu desenvolvimento característico. Desmitificar a ordem cultural para re-converter o corpo em signo é a operacionalização mestre da arte, afinal, como dito, na nossa cultura os atos fundados no corpo se tornaram tão naturais/habituais que nós já não mais reconhecemos um gesto como um ato do dia-a-dia cabendo ao artista bastante esforço ao pretender tornar essa prática de ordem necessária. Em outras palavras, a Performance além de uma proposta artística, se posiciona em questionamento ao natural/habitual, coloca em crise dogmas – principalmente os comportamentais – seja mediante a simples ironias ou de referências sarcásticas.

Ao final de toda essa experiência pôde-se notar no comentário de alguns alunos as mudanças significativas frente às possibilidades interpretativas e epistemológicas de conceber o corpo, dos usos deste e da sua importância no processo da aquisição e constituição de uma aprendizagem significativa e, ainda, no tocante do uso da *performance art* no contexto educacional após a formação.

Para muitos o uso desta manifestação foi identificado como uma nova possibilidade de expor os conteúdos e de transmitir conhecimento de uma forma simples, prática e significativa. Além disso, foi ainda concebida como uma maneira de tirar o professor da zona de conforto da sala de aula expandindo o conhecimento para outro público e também,

como forma de colocar o aluno de Educação Física numa posição mais politizada frente aos usos sociais do corpo.

“Nós como futuros professores de Educação Física vemos a Performance como uma nova proposta de explorar os conteúdos com os alunos porque nós da Educação Física temos uma relação, querendo ou não, diferente com o corpo, então a gente deve explorar ele de diversas maneiras, é uma relação realmente tensa e profunda e a gente querendo ou não vai ser propagador de tais conteúdos corporais, de diversas práticas corporais para os nossos alunos. Então a gente tem que vivenciar para se apropriar e transmitir de uma maneira mais eficaz. A performance é uma possibilidade de exploração de seu corpo”. (acadêmica 13).

“Os jovens de hoje em dia gostam de ousar, né? Eles gostam do novo... seria um desafio interessante para eles, com certeza sairia muita coisa muito boa na escola... Vou usar quando for professora”. (acadêmica 25).

“Deu pra ver outra forma de se trabalhar dentro de uma escola a não ser aquela antiga de ... quadro...quadra, quadro, quadra e que possa dar participação e uma interação maior entre os alunos”. (acadêmico 7).

- “A performance me ajudou não só a entender o conteúdo, mas a sentir ele” (acadêmico 16).

Além das perspectivas acadêmicas e de instrumentalização para o exercício da profissão, é possível observar também a sensibilização, as percepções concebidas no ponto de vista pessoal em alguns dos alunos durante o processo da experiência ao afirmarem que esta se tratou de uma experiência a qual levarão para o resto das suas vidas. Muitos foram os alunos que externaram questões relativas ao prazer, à sensação do processo de “encarnação do personagem do conteúdo”, isto é, de sentir o conteúdo através de seu próprio corpo; e do encantamento ao descobrir que através deste é possível comunicar, falar, alertar dos problemas sociais, de temas contemporâneos do dia-a-dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que estrutura propedêutica da *performance art* junto a disciplina “Filosofia, Educação e Corpo” no curso de licenciatura em Educação Física proporcionou a concretude da experiência sob uma vivência artística, cuja intenção foi pautada na perspectiva de oportunizar

uma estética que suspende os usos políticos do corpo na modernidade junto a (futuros) professores. A *performance art* é um instrumento que os professores podem fazer uso para propor práticas de significação de conteúdos com e através do corpo e da arte.

A proposição da *Performance Art* enquanto perspectiva metodológica e propedêutica, pela visão ampliada, pode ser vista enquanto uma forte manifestação que possibilita de forma prática e através dos interstícios corporais a vivência dos conceitos pelos quais almeja-se incumbir aos sujeitos/educandos a perceber as diferentes formas de conceber o corpo, sobrepor os padrões, a racionalidade científica e a própria consciência de seu próprio corpo frente aos processo de representação/atuação artística.

REFERÊNCIAS

ALVARES, S.C. **Educação estética na EJA: a beleza de ensinar e aprender com jovens e adultos.** São Paulo: Telos, 2012.

BÁRTOLO, J. **Corpo e Sentido: Estudos Intersemióticos.** Covilhã: Livros LabCom, 2007.

GLUSBERG, J. **A arte da performance.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte.** São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

MARLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido: 12 setembro 2016

Aprovado: 15 novembro 2016

Endereço para correspondência:

Fabio Zoboli

Rua Rosalina, 80, Bloco Pacífico, apto 302

Farolândia

Aracaju –SE

CEP: 49032-150

zobolito@gmail.com